

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
COMUNICAÇÃO SOCIAL EM JORNALISMO

JOÃO PEDRO TURATI FERREIRA

**MERCADO DE TRABALHO NO FUTEBOL: REALIDADE, PERSPECTIVAS E
INFLUÊNCIAS DAS CATEGORIAS DE BASE NA FORMAÇÃO DE ATLETAS
PROFISSIONAIS**

Ribeirão Preto
2025

JOÃO PEDRO TURATI FERREIRA

**MERCADO DE TRABALHO NO FUTEBOL: REALIDADE, PERSPECTIVAS E
INFLUÊNCIAS DAS CATEGORIAS DE BASE NA FORMAÇÃO DE ATLETAS
PROFISSIONAIS**

Trabalho de conclusão de curso de
Jornalismo do Centro Universitário Barão
de Mauá para obtenção do título de
bacharel.

Orientadora: Dra. Belisa Figueiró

Ribeirão Preto

2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

F383m

Ferreira, João Pedro Turati
Mercado de trabalho no futebol: realidade, perspectivas e influências
das categorias de base na formação de atletas profissionais/ João Pedro
Turati Ferreira - Ribeirão Preto, 2025.

60p.

Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo do
Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dra. Belisa Brião Figueiró

1. Futebol 2. Atletas 3. Abandono de carreira I. Figueiró, Belisa Brião II. Título

CDU 070

Bibliotecária Responsável: Maria Gabriela Farias Cobianchi CRB⁸ 9914

JOÃO PEDRO TURATI FERREIRA

**MERCADO DE TRABALHO NO FUTEBOL: REALIDADE, PERSPECTIVAS E
INFLUÊNCIAS DAS CATEGORIAS DE BASE NA FORMAÇÃO DE ATLETAS
PROFISSIONAIS**

Trabalho de conclusão de curso de
Jornalismo do Centro Universitário Barão
de Mauá para obtenção do título de
bacharel.

Data de aprovação: 04/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Belisa Figueiró

Prof. Me. Gustavo Russo Estevão

Gabriela Delmondi Troian

Ribeirão Preto

2025

Dedico esse trabalho aos meus pais Rosiane Maria Turati Ferreira e Rubens do Carmo Ferreira, cuja força e determinação sempre me inspiraram a seguir meu propósito, sendo grandes exemplos de resiliência e companheirismo para mim nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTO

Agradeço a minha família por sempre me apoiarem em meus projetos, pelo carinho e compreensão em minha trajetória acadêmica. Vocês foram fundamentais para a conclusão deste processo.

Agradeço aos meus amigos de curso que foram essenciais neste período, compartilhando momentos de incentivo e aprendizado. Principalmente a Lívia Louzada, por partilhar desafios e vitórias em todo processo da conclusão deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, professora Belisa, que sempre me incentivou desde o início do curso e sempre me apoiou com seus ensinamentos, para que este trabalho pudesse ser concluído.

Por fim, sou grato a todos os professores que me guiaram em toda minha formação acadêmica, e a todos os participantes deste trabalho, que colaboraram com suas experiências, fazendo com que este projeto fosse concluído.

"Trabalhe sempre duro, nunca desista e lute até o fim, porque a partida nunca está verdadeiramente acabada até o apito final."

(Alex Morgan)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso buscou analisar os motivos que levam muitos atletas a abandonarem a carreira no futebol, um esporte que, historicamente, é o sonho de grande parte dos jovens, especialmente no Brasil. A pesquisa partiu da premissa de que o futebol, por ser altamente competitivo e envolto em expectativas, pode ser tanto uma oportunidade quanto um ambiente de frustrações. Problemas como a falta de suporte psicológico, lesões graves, pressão por resultados imediatos, baixa remuneração e a escassez de oportunidades reais para se firmar em grandes clubes são alguns dos fatores que afetam a continuidade da carreira. Para entender esses fenômenos de forma mais abrangente, o estudo utilizou uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, por meio de fontes bibliográficas e documentais. Entrevistas jornalísticas foram fundamentais para obter uma visão completa do cenário, além da revisão literária que permitiu, por outro lado, a análise de estudos já existentes sobre o desenvolvimento esportivo e o abandono de carreira. O objetivo final foi traçar um panorama dos principais motivos que levam ao abandono da carreira no futebol, por meio de um documentário, oferecendo uma compreensão profunda dos desafios enfrentados pelos jovens atletas. Com isso, o trabalho contribuiu para a reflexão e melhoria das condições oferecidas no esporte.

Palavras-chave: abandono de carreira; futebol; atletas; pressão e frustração; desenvolvimento esportivo

ABSTRACT

This final project sought to analyze the reasons that lead many athletes to abandon their careers in soccer, a sport that has historically been the dream of many young people, especially in Brazil. The research was based on the premise that soccer, because it is highly competitive and full of expectations, can be both an opportunity and an environment of frustration. Problems such as lack of psychological support, serious injuries, pressure for immediate results, low pay and the scarcity of real opportunities to establish oneself in big clubs are some of the factors that affect the continuation of a career. To understand these phenomena in a more comprehensive way, the study used exploratory research with a qualitative approach, through bibliographic and documentary sources. Journalistic interviews were essential to obtain a complete view of the scenario, in addition to the literature review that allowed, on the other hand, the analysis of existing studies on sports development and career abandonment. The final objective was to outline an overview of the main reasons that lead to abandonment of a career in soccer, through a documentary, offering an in-depth understanding of the challenges faced by young athletes. With this, the work contributed to the reflection and improvement of the conditions offered in the sport.

Keywords: career abandonment; football; athletes; pressure and frustration; sports development

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Modalidade.....	10
1.2	Problema	10
1.3	Hipótese	11
1.4	Objetivos	11
	Objetivos Específicos:.....	12
1.5	Justificativa.....	12
1.6	Metodologia	12
2	A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL	14
3	O DOCUMENTÁRIO NO BRASIL.....	22
4	ESTRUTURA.....	27
4.1	Produção.....	28
4.2	Transcrição das entrevistas	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS.....	51
	ANEXO A - termos de uso de imagem e som.....	53

1 INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho no esporte, especialmente no futebol, é visto por muitos jovens como uma oportunidade de ascensão social e profissional. Porém, o percurso entre o início nas categorias de base e a concretização de uma carreira como atleta profissional é atravessado por muitos desafios. A formação de atletas nas bases tem papel fundamental nesse processo, oferecendo a estrutura e o suporte necessários para o desenvolvimento de habilidades técnicas, físicas e emocionais. Contudo, a realidade demonstra que, apesar de uma quantidade expressiva de jovens ingressarem no futebol, poucos conseguem atingir o nível profissional, e muitos acabam abandonando a profissão.

Apesar do mercado esportivo ser promissor, para alguns atletas não é oferecido garantias sólidas. A transição das categorias de base para o nível profissional é marcada pela redução de vagas e pela intensa competição, na qual apenas uma pequena parcela de atletas conseguem contrato profissional em clubes maiores. Este cenário revelou a necessidade de uma análise mais profunda sobre o funcionamento das categorias de base e a influência que elas exercem tanto no desenvolvimento quanto no abandono da profissão esportiva.

Com a alteração da Lei Pelé (9615/98), as escolas de futebol devem fornecer para seus alunos, programas de treinamento nas categorias de base, complementação educacional, garantir assistência educacional, psicológica, médica e odontológica, assim como alimentação, transporte e convivência familiar.

O futebol sempre foi um dos esportes mais vistos e idolatrados pelo mundo em todas as épocas. Sempre destacando novos nomes e promessas para o esporte, o Brasil é alvo de olheiros internacionais desde as categorias de base até o profissional. No entanto, pouco se sabe sobre a trajetória de cada jovem, quais são suas perspectivas de sucesso e a realidade enfrentada desde o início. A influência que as categorias de base têm na vida de cada um é de extrema importância para o futuro, mas é notória a falta de informações que se tem e quais são os motivos que muitos atletas em formação abandonam suas carreiras.

Além disso, o mercado de trabalho no futebol é extremamente competitivo e restrito, com poucos atletas conseguindo se firmar no cenário profissional. Fatores como a falta de estrutura adequada, o baixo investimento em

desenvolvimento pessoal e a pressão para obter resultados imediatos também são variáveis que impactam diretamente a continuidade na carreira.

Outro ponto crucial é a incerteza quanto à transição das categorias de base para o futebol profissional. Muitos atletas não conseguem realizar essa passagem, seja pela falta de oportunidades reais ou pela inadequação ao nível técnico exigido. Há também a questão de como as redes de contatos e influências podem, em alguns casos, impactar mais do que o próprio talento esportivo.

A falta de transparência nas negociações e a dificuldade de manter uma carreira de sucesso, mesmo para aqueles que conseguem dar os primeiros passos no profissional, são problemas que não apenas afetam os jogadores em si, mas também moldam a dinâmica do mercado como um todo. Assim, entender as perspectivas e os desafios dos jovens atletas desde a base até o topo se torna essencial para uma análise crítica do mercado de trabalho no futebol.

O projeto teve como objetivo analisar a realidade do mercado de trabalho no esporte, destacando as perspectivas de carreira para os atletas formados nas categorias de base e investigando os fatores que contribuem para o abandono prematuro da profissão. A partir de uma revisão bibliográfica de estudos que abordam o desenvolvimento esportivo e a trajetória dos atletas, buscando compreender as dificuldades enfrentadas e as possíveis soluções para melhorar o cenário esportivo no Brasil.

1.1 Modalidade

O documentário é uma forma de narrativa que combina elementos informativos e artísticos, que tem o objetivo de retratar a realidade de maneira reflexiva. Diferentemente de produções ficcionais, o documentário busca explorar fatos, temas ou eventos reais, utilizando entrevistas jornalísticas, imagens de arquivos e registros do cotidiano para construir uma visão crítica e aprofundada sobre o assunto. Ele se destaca como uma poderosa ferramenta de comunicação, permitindo que transforme dados e análises em uma linguagem acessível e visualmente impactante, capaz de sensibilizar e engajar.

1.2 Problema

Esse projeto se propôs a discutir as seguintes questões:

1. Quais são os principais desafios enfrentados pelos jovens atletas nas categorias de base no futebol?
2. Por que muitos atletas abandonam a carreira antes de se tornarem profissionais?
3. Qual o papel das categorias de base no desenvolvimento e abandono da carreira esportiva?
4. De que forma a transição das categorias de base para o futebol profissional é problemática?
5. Quais são as perspectivas de sucesso para jovens atletas em formação no Brasil?
6. Como a falta de transparência e estrutura impacta a carreira dos atletas no futebol?

1.3 Hipótese

Esse trabalho parte da hipótese de que muitas pessoas têm o sonho de se tornar grandes atletas conhecidos no mundo todo, pelo que é vendido a elas de forma equivocada, uma vez que muitos desses jovens vêm de uma condição humilde e tem a motivação de mudar a sua realidade. A falta de suporte psicológico, a pressão por resultados e a ausência de um planejamento adequado de carreira são fatores determinantes para o abandono precoce de jovens atletas no futebol de base e profissional.

Apesar da idealização da vida de um jogador profissional e da promessa de ascensão social, a realidade enfrentada por esses atletas revela inúmeros desafios que acabam resultando no abandono precoce da profissão. Outro ponto relevante é a transição complicada das categorias de base para o futebol profissional, uma etapa onde muitos atletas ficam pelo caminho devido à intensa concorrência e à falta de acompanhamento adequado.

1.4 Objetivos

Objetivo Geral:

O projeto tem como objetivo analisar quais são os principais motivos e consequências que levam atletas em formação e ex-atletas profissionais a abandonarem a carreira esportiva no futebol.

Objetivos Específicos:

- Compreender quais são as influências do contexto social e econômico na vida esportiva.
- Analisar como os fatores externos impactam em suas escolhas.
- Investigar o papel das categorias de base no desenvolvimento profissional, focando em como a estrutura, os treinamentos e acompanhamento educacional influenciam diretamente o sucesso ou fracasso.
- Analisa como as expectativas criadas pelos clubes e agentes em torno desses jovens afetam a motivação dos mesmos.
- Explorar se a relação entre lesões, preparo físico e psicológico são determinantes na trajetória e identificar os desafios e obstáculos enfrentados por eles durante e após o processo de formação nas categorias de base, como a falta de suporte ao término da carreira e suas possíveis implicações a longo prazo.

1.5 Justificativa

A realidade desses atletas revela uma distância significativa entre as expectativas geradas nas categorias de base e as oportunidades reais de consolidação de uma carreira no futebol profissional. Com isso, muitos atletas abandonam a carreira antes mesmo de chegar ao profissional, por muitos fatores, que não apenas afetam o futuro desses jovens, mas também refletem diretamente na qualidade e no funcionamento do mercado de trabalho esportivo como um todo.

Diante disso, a investigação sobre os fatores que influenciam o desenvolvimento e o abandono da carreira esportiva torna-se não apenas relevante, mas necessária para o avanço do esporte no país e para a criação de um ambiente mais justo e promissor para os futuros profissionais do futebol.

1.6 Metodologia

Este trabalho utilizou uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa por meio de fontes bibliográficas e documentais. Entrevistas jornalísticas foram fundamentais para obter uma visão completa do cenário, que visa expandir a compreensão do tema por meio de entrevistas com atletas, ex-atletas, treinadores e pessoas do meio esportivo, para entender o objeto estudado, e técnicas de pesquisa que permitirá, por outro lado, a análise de estudos já existentes sobre o desenvolvimento esportivo e o abandono de carreira.

Segundo Gil (2008), uma pesquisa científica deve partir de uma problemática clara e bem definida, que delimite os objetivos e a relevância do estudo. O autor destaca que, para compreender uma preocupação social – como o mercado de trabalho no futebol –, é crucial estabelecer conexões entre os aspectos empíricos e teóricos, permitindo uma análise crítica e abrangente da realidade investigada.

Além disso, Gil reforça que o referencial teórico tem como função contextualizar a pesquisa, ancorando-a em contribuições de outros estudos e autores que já exploraram temas relacionados. Ele ressalta que “a revisão da literatura não apenas embasa a pesquisa, mas também orienta o pesquisador na formulação de hipóteses e na escolha das metodologias atribuídas” (GIL, 2008, p. 47).

No caso deste estudo sobre o mercado de trabalho no futebol foi analisado com base em uma perspectiva interdisciplinar, considerando os fatores econômicos, sociais e esportivos que moldam a formação de atletas nas categorias de base. Como Gil aponta, “a análise das especificidades sociais deve ser feita a partir de múltiplos ângulos, respeitando a complexidade das relações humanas e institucionais” (GIL, 2008, p. 89). Assim, a pesquisa busca compreender não apenas as dificuldades e os desafios enfrentados pelos jovens atletas, mas também as perspectivas de sucesso e os impactos das políticas de formação esportiva no Brasil.

2 A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL

Reconhecido como o esporte mais amado do país, o futebol exerce um papel central na sociedade brasileira, onde ocupa uma parte significativa no dia das pessoas e na mídia nacional. Esse esporte possui uma relevância tão grande que molda a forma como o Brasil consome e vivencia o esporte. O futebol está enraizado na cultura do povo brasileiro (Santana, 2022).

Após a chegada do futebol no Brasil, oficialmente em 1894, o esporte se desenvolveu de forma amadora no país. Segundo Toledo (2000), essa fase amadora da prática futebolística em território brasileiro perdurou até 1933 e foi marcada, principalmente, pela proibição de qualquer forma de remuneração para os jogadores da modalidade. A regulamentação da atividade futebolística, como explicado por Caldas (1994, p.45), também veio na década de 1930, tendo sido possibilitada pela Legislação Social e Trabalhista do primeiro governo de Getúlio Vargas, marcado pela adesão a uma “política trabalhista” (Santana, 2022).

Entre as modalidades esportivas existentes, o futebol é o esporte mais praticado no mundo. É jogado por milhões de pessoas em quase duzentos países, é considerado por muitos o esporte das multidões e no Brasil, é considerado por alguns, o esporte mais popular (Pizzi, 2021, p. 9).

Os primeiros times de futebol foram criados por imigrantes ingleses que trabalhavam nas ferrovias, de acordo com uma reportagem do Estadão de 2018, o primeiro clube de futebol criado em São Paulo foi o São Paulo Athletic, em 1888, no começo o futebol era praticado somente pela elite brasileira (Pizzi, 2021)

Mais que uma modalidade esportiva, o futebol de várzea é uma prática social historicamente vinculada às classes populares, tendo resultado da apropriação popular de uma modalidade esportiva que chegou ao Brasil, inicialmente ligada aos setores de elite. Ao contrário dos clubes de futebol fechados, as agremiações envolvidas na várzea são frágeis por excelência. Isso se deve ao fato de que surgem espontaneamente, da organização popular de grupos de trabalhadores, pequenos comerciantes e moradores do bairro, que sustentam o clube com grandes dificuldades por meio do pagamento de mensalidades, realizações de bingos e rifas e com o lucro do bar, que sempre acompanha esta atividade. Não se constituem como entidades de tipo empresarial, com estrutura consolidada como são os clubes fechados. Além disso, a fragilidade também se dá pela constante pressão em função da valorização imobiliária nos terrenos de várzea no qual se situam e cuja propriedade, frequentemente, não detém (Scifoni, 2013, p. 125).

Segundo o jogador de futebol amador, Raul Antônio Wilpert, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicou, em 1979, a “Carta Internacional de Educação Física e Esportes”. Nessa carta ele fala que o cenário esportivo deu início a um dos períodos, considerado ideal, além da carta trazer o esporte como um direito de todos, sendo educativo para crianças e adolescentes (Castro; Miranda, 2019).

Wilpert (2005, p. 29) afirma que “o lazer e a disponibilidade de espaços públicos para as práticas da cultura corporal de movimento são necessidades essenciais ao homem contemporâneo e, por isso, direitos do cidadão”.

Christiano Machado Castro e Matilde Meira Miranda (2019) dizem ser de extrema importância entender a inclusão social e a garantia dos direitos em relação ao desenvolvimento humano, para que dessa forma seja possível compreender a necessidade quanto ao futebol amador como esporte praticado em comunidades periféricas. A Prática do futebol é uma forma de lazer e, sendo o lazer um direito de todos, pode-se compreender que o futebol também deve ser de interação e inclusão social.

Segundo Guterman, Charles Miller, foi um dos principais introdutores do futebol no Brasil, era adepto do drible, maneira insinuante de passar pelos zagueiros para chegar ao gol. Se o nosso pioneiro não tivesse em seu código genético traços brasileiros, talvez teríamos sido súditos do jogo em que somente a vitória interessa, e provavelmente não faríamos história como o país que encantou o mundo com sua forma de praticar o esporte.

Charles Willian Miller nasceu em São Paulo, em 24 de novembro de 1874, filho do engenheiro escocês John Miller e da brasileira Carlota Alexandrina Fox Miller. Carlota, por sua vez, era filha dos ingleses Henry Fox e Harriet Mathilda Rudge Fox. Ou seja, a família Miller tinha acentuado o sotaque britânico, resultado de um conjunto de fatores que transformaram São Paulo em centro de atração do capital inglês no final do século XIX (Guterman, 2009).

Comparado ao que acontecia na própria Inglaterra, era um paradoxo e tanto, o futebol inglês nasceu em meio ao crescimento da massa operária. Era um jogo que trazia para locais públicos toda a raiva das classes baixas do país, atulhadas nas cidades cada vez mais hostis. A repressão ao futebol jogado na rua, comum no início do século XIX na Inglaterra, é a prova de que o esporte era visto como coisa da ralé, ainda mais porque invariavelmente acabava em pancadaria e depredação. Por causa disso, o futebol passou a ser jogado em locais específicos, principalmente nas

escolas públicas. Foi a primeira tentativa de uniformizar as regras do jogo, isso por volta de 1850 (Guterman, 2009, p. 1873).

Os times foram multiplicados por quem já nascia com vocação profissional, uma oportunidade rara para os operários e estudantes ganharem dinheiro, o futebol da Inglaterra era jogado por pessoas pobres. As partidas continuaram violentas, mas em 1863 começaram a ser introduzidas regras que foram aceitas pela maioria, a que mais chamou a atenção foi a que impedia o zagueiro de chutar o atacante para que ele não chegasse ao gol (Guterman, 2009).

No Brasil, a elite do futebol decidia tudo, até mesmo a estrutura do esporte. O primeiro campo a se tornar oficial do país foi o terreno da Chácara Dulley, no Bom Retiro, onde já era praticado o críquete, o até então esporte preferido dos ingleses no Brasil. A chácara pertencia a família de Charles D. Dulley, engenheiro americano que chefiou a construção da ferrovia entre São Paulo e Rio, inaugurada em 1877. O terreno ficava a poucos metros da Estação da Luz, onde hoje é um quartel da Polícia Militar, e a avenida Tiradentes, ao final da rua Três Rios, que antes era chamada de rua Marquês de Três Rios, porque foi aberta pelo marquês que também tinha uma propriedade no local. Na mesma chácara Dulley também houve a introdução do golfe, mas o futebol por diversas razões acabou sendo predominante (Guterman, 2009).

O primeiro estádio de futebol foi uma adaptação do Velódromo Paulistano, que foi erguido em 1892, sendo uma encomenda de Antonio da Silva Prado, ou conselheiro Antonio Prado. Empresário de vários negócios, principalmente do setor ferroviário, Antonio Prado era neto do barão de Iguape e herdeiro de uma das famílias mais ricas do Brasil, ligada ao café e às estradas de ferro. O terreno onde foi construído o Velódromo pertencia a mãe de Antonio, Veridiana de Almeida Prado. Era localizado onde hoje é a Praça Roosevelt, e nas redondezas era praticada a pelota basca. Na época da construção o ciclismo era moda entre os paulistanos e a ideia de construir um local fechado para a prática de exercício pela elite foi tirado do papel e mais tarde foi criado o Club Athletico Paulistano. Em 1901, foi adaptado para receber os jogos de futebol (Guterman, 2009).

Até esse momento o futebol era praticado em condições bastante precárias, segundo registros da época, 30 anos antes de Charles Miller voltar ao Brasil, marinheiros ingleses já praticavam o esporte nos capinzais do litoral brasileiro. Ainda se tem registros de jogos praticados dessa mesma forma entre 1874 e 1878

na praia da Glória, no Rio de Janeiro, em frente a casa da princesa Isabel onde funcionários de empresas de navegação participavam (Guterman, 2009).

Jogava-se também no interior de São Paulo - em Jundiaí, um certo “Mr. Hugh” organizou jogos entre brasileiros e ingleses da São Paulo Railway, em Itu, um padre jesuíta do São Luiz, colégio da elite cafeeira fundado em 1867 e que em 1918 se mudaria para seu atual endereço, perto da avenida Paulista, estimulou os alunos a jogar à maneira de Eton, tradicionalíssima escola inglesa onde os estudantes chutavam bola contra a parede, na falta de local apropriado para esse esporte. Como se nota, são iniciativas esparsas e movidas por mera diversão, sempre coordenadas por ingleses ou inspiradas por eles. Não havia campo nem equipamento - as bolas, por exemplo, eram uma raridade (Guterman, 2009, p. 1875, 1876).

Miller introduziu no Brasil o perfil competitivo do futebol, com suas próprias regras e artimanhas, sendo essa a principal razão dele ter se tornado o pioneiro do esporte no país, antes disso essa prática esportiva passou por momentos de amadorismo e simplicidade, pois era praticado em campos improvisados, os times possuíam menos jogadores do que a regra manda, e sem nenhum tipo de remuneração (Guterman, 2009).

Por ora, o que importa é mostrar que havia um pronunciado desejo de ao menos parecer amador entre os fundadores do futebol brasileiro. Como se tratava de gente da elite europeia e da nascente aristocracia paulistana e carioca, esse desejo soa estranho; afinal, eles poderiam muito bem ter usado seu dinheiro para melhorar as condições do jogo e mesmo de torná-lo financeiramente viável como competições. Não foi isso o que se viu nos primeiros anos, em parte justamente porque os pioneiros viam no amadorismo o maior charme do jogo, uma maneira de acentuar o cavalheirismo e a noção de “fair play” dos atletas, distinguindo-os daquilo que eles viam como costumes rasteiros da massa de imigrantes iletrados e de ex-escravos - e dos próprios operários e desocupados ingleses que haviam criado o futebol (Guterman, 2009, p. 1877).

O primeiro jogo de futebol realizado no Brasil, ocorreu em São Paulo entre os dias 14 e 15 de abril de 1895. A iniciativa foi de Charles Miller, que organizou a partida com funcionários da *Companhia de Gás (The Team of Gaz Company)* e da *São Paulo Railway*. O jogo aconteceu na Várzea do Carmo, próximo às ruas do Gasômetro e Santa Rosa, uma região bem conhecida por Miller, que havia nascido no Brás. O campo pertencia à Companhia Viação Paulista, empresa de transporte que posteriormente unificou-se com outras companhias de bondes de São Paulo. Na época, a cidade contava com 77 bondes de tração animal, embora os bondes a vapor já existissem. Os elétricos, por sua vez, só seriam introduzidos em São Paulo

no ano de 1900, sob a administração de uma empresa canadense (Guterman, 2009).

A Bahia foi o segundo estado brasileiro a organizar um campeonato. O campo onde seria realizado o jogo estava ocupado pelo Circo Lusitano e para evitar conflitos, o proprietário do circo concordou em posicionar as lonas fora dos limites do campo, nas extremidades, sem comprometer a área de jogo. Além disso, sendo um admirador dos esportes, ele disponibilizou cadeiras que eram utilizadas nos dias de espetáculo para acomodar senhoras e autoridades ao redor do campo (Guterman, 2009).

Anos antes, ocorreu o histórico primeiro jogo no Brasil, vencido pelo *São Paulo Railway* por 4 a 2 contra o *The Team of Gaz Company*. Naquela época, não havia uniformes para todos, e muitos jogadores tiveram que atuar com as calças compridas que já vestiam. No entanto, isso não diminuiu o entusiasmo de Charles Miller e seus companheiros. O evento, ainda que simples e sem luxo, rapidamente despertou o interesse dos operários da região (Guterman, 2009).

A Preocupação com a mistura racial tornou-se um tema recorrente nos centros urbanos após a abolição da escravidão. O conde Artur de Gobineau, autor do renomado “Ensaio sobre a desigualdade das raças”, obra fundamental para teóricos racistas, esteve no Brasil na segunda metade do século XX. Em seus escritos, ele defendia que a única solução para os brasileiros brancos seria incentivar a imigração europeia, evitando assim o cruzamento com negros, que, segundo ele, levaria à degeneração da raça branca (Guterman, 2009).

Essas ideias se espalharam entre as classes superiores e influenciaram a preocupação com o chamado desenvolvimento físico da raça. No Brasil, a questão racial também marcou o futebol, refletindo um debate semelhante ao que ocorria na sociedade como um todo. A presença de jogadores negros nos campos brasileiros permaneceu um tema controverso até, pelo menos, a década de 1970. Naquele momento inicial do futebol no país, ele ainda era praticado majoritariamente por brancos das classes mais altas, que haviam acabado de descobrir o esporte (Guterman, 2009).

Mas ainda estamos nos primeiros chutes, e apenas brancos das classes superiores haviam descoberto o futebol. Nos já citados amistosos entre cariocas e paulistas, em 1901, fica claro que a festa era mais importante que a disputa. Sant’Ana relata os “sacrifícios pecuniários” dos

organizadores das partidas - que deviam prever transporte dos convidados e até mesmo um banquete para todos os participantes. Em meio aos brindes depois do primeiro jogo (empate em 1 a 1), Casemiro da Costa, primeiro presidente da Liga de Futebol de São Paulo, encerrou o banquete brindando ao presidente do Brasil, Campos Salles, e também porque afinal estava entre muitos ingleses, ao rei Eduardo VII (Guterman, 2009, p. 1888, 1889).

Os primeiros times brasileiros organizados surgiram em meio a esse ambiente aristocrático. Quando Charles Miller retornou ao Brasil em 1894, após sua temporada acadêmica na Inglaterra, procurou o único clube esportivo paulistano da época, o São Paulo Athletic, na tentativa de convencer seus membros a praticar futebol. Fundado em maio de 1888, o clube era frequentado principalmente por funcionários ingleses que trabalhavam na cidade, especialmente no setor ferroviário. O esporte predominante era o críquete, no qual, aliás, Miller se destacava. Inicialmente, ninguém demonstrou interesse em seus apelos para introduzir o futebol e suas bolas peculiares. No entanto, em 1896, o São Paulo Athletic adotou o futebol, e Miller rapidamente se tornou sua principal estrela (Guterman, 2009).

Dois anos depois, surgiu o Mackenzie, o primeiro clube no Brasil fundado exclusivamente para a prática do futebol e composto apenas por brasileiros, todos, naturalmente de uma classe social mais alta. Esse modelo seria seguido no ano seguinte por clubes como o Internacional e Germânia. Em 1900 foi a vez do Paulistano, clube que até os dias de hoje mantém o orgulho de sua tradição exclusiva. No Rio de Janeiro, ocorreu um fenômeno semelhante, o primeiro clube dedicado ao futebol foi o Fluminense, fundado em 1902 e integrado por membros de famílias tradicionais da capital. Outros estados, como Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, adotaram o futebol entre o final do século XIX e o início do século XX, seguindo essa mesma exclusividade (Guterman, 2009).

Nesse período, destacaram-se as contribuições do brasileiro Oscar Cox e do alemão Hans Nobiling, em São Paulo, tiveram um papel mais significativo na organização do futebol do que o próprio Charles Miller. Embora Miller seja reconhecido como pioneiro na introdução do futebol no Brasil, a estruturação e disseminação organizada do esporte couberam primeiramente a Cox (Guterman, 2009).

Em 1891, antes de Miller promover o primeiro jogo de futebol no Brasil dentro das normas oficiais, Cox tentou convencer o clube de críquete do qual era

sócio no Rio de Janeiro, o Paissandu, a adotar o futebol. Ele chegou a trazer uma bola de Londres, mas as condições do campo do Paissandu não favoreceram a prática do esporte, e os associados acabaram optando por utilizar a bola para partidas de rúgbi (Guterman, 2009).

Gradualmente, Cox foi conquistando seguidores para o futebol, apesar da forte popularidade do remo na época. Clubes como Flamengo, Botafogo e Vasco eram tradicionalmente voltados para as regatas e só passaram a adotar o futebol no início do século XX. Determinando-se a fortalecer o esporte no Rio de Janeiro, Cox conseguiu organizar uma equipe chamada Rio Team, que disputou uma série de amistosos em 1901 contra um time paulista, em São Paulo. No ano seguinte, esses amistosos foram repetidos, o que reforçou a percepção de Cox sobre a necessidade de um clube carioca dedicado exclusivamente ao futebol. Foi nesse contexto que surgiu o Fluminense, fundado em uma reunião realizada, em uma residência localizada no bairro do Flamengo (Guterman, 2009).

Hans Nobiling teve uma trajetória semelhante. Ex-jogador de um time de Hamburgo, na Alemanha, chegou a São Paulo em 1897 com o objetivo de difundir o futebol no Brasil. Encontrou dificuldades para achar um clube que aceitasse o esporte, então decidiu formar sua própria equipe, o Hans Nobiling Team. Esse time desafiou o Mackenzie e o São Paulo Athletic, que até então praticavam futebol apenas como recreação. Assim, foi dado o primeiro passo para a realização de competições de futebol no Brasil. Em 1899, os três times se enfrentaram (Guterman, 2009).

Após uma série de amistosos, Nobiling e seus amigos decidiram fundar um clube. A reunião aconteceu dentro de um quarto alugado de uma casa na rua Senador Queiroz, em 19 de agosto de 1899. O clube recebeu o nome de Sport Club Internacional, em homenagem ao espírito internacionalista dos jovens fundadores, que eram de diversas nacionalidades, incluindo brasileiros, alemães, franceses, portugueses e ingleses. No entanto, Nobiling discorda do nome, pois preferia que se chamasse Sport Club Germânia. Em protesto, afastou-se do clube e, apenas 18 dias depois, em 7 de setembro, fundou o Germânia, que mais tarde se tornaria o atual Esporte Clube Pinheiros (Guterman, 2009).

Nobiling, reconhecia que o futuro do futebol no Brasil dependia dos clubes, para além de um mero passatempo da elite. Competições oficiais e ligas surgiram rapidamente, a Liga Paulista de Futebol foi fundada em dezembro de 1901, com

cinco clubes: São Paulo Athletic, Mackenzie, Internacional, Germânia e Paulistano. O primeiro torneio paulista ocorreu no ano seguinte, o campeonato ganhou status esporte nobre e cobertura da imprensa, antes era indiferente ao futebol. No entanto, os relatos ainda destacavam o futebol como um esporte de estrangeiros. O jornal *O Estado de São Paulo*, publicou matérias sobre os jogos (Guterman, 2009).

3 O DOCUMENTÁRIO NO BRASIL

O documentário é uma expressão audiovisual que tem como objetivo central a representação da realidade a partir de um ponto de vista interpretativo. De acordo com Nichols (2001, p. 3), o documentário “refere-se a um filme que registra ou representa fatos reais para transmitir conhecimento, expressar pontos de vista e provocar reflexão”. No cenário brasileiro, o documentário se consolida como um importante instrumento de denúncia, memória e crítica social, dialogando diretamente com os contextos históricos e culturais do país.

O documentário, enquanto linguagem audiovisual, tem sido alvo de reflexões sobre sua estrutura, objetivos e limites. Na visão de Fernão Pessoa Ramos, há no Brasil um discurso predominante que apresenta o documentário de formatura e tradicional. Ele critica essa abordagem, argumentando que “no Brasil, o documentário é visto como um campo tradicional, com regras sendo seguidas. Extrapolar estas fronteiras é um atestado de inventividade e criatividade” (Ramos, 2003, p. 2). Essa perspectiva reflete sobre como o campo do documentário pode equilibrar a manutenção de seu compromisso com a verdade e, ao mesmo tempo, abrir-se a novas formas expressivas e criativas.

Ao questionar a especificidade do documentário, Ramos argumenta que a sustentação de uma representação “transparente” no discurso documental é baseada em um raciocínio frágil.

Em desenvolvimentos mais elaborados, é afirmado que todas as narrativas com imagens possuem estatuto enunciativo, ou que as tornaram similares, sejam ou não ficcionais. A constatação da especificidade da enunciação leva, neste caso, à negação do documentário como especificidade, pois, ao afirmar a especificidade, teríamos que sustentar a existência de uma representação transparente. O círculo então fecha-se, o que é feito às custas de um frágil raciocínio de partida (Ramos, 2003, p. 4).

Essa crítica desafia as concepções tradicionais de que o documentário se limita a ser um espelho da realidade, ressaltando o papel ativo de escolhas narrativas e interpretativas.

O autor também desloca a análise do documentário para além do posicionamento subjetivo do sujeito como mediador central da narrativa. Ramos propõe que a representação documental pode ser construída sem que a figura do autor ocupe o núcleo da atenção.

Para a reflexão lógico-analítica, dizer que o documentário existe e pode ser localizado, significa, portanto, retirar o eixo da análise da questão do posicionamento subjetivo, como horizonte exclusivo para se trabalhar a representação. Ou melhor, significa dizer que a representação é possível, sem que a necessidade modesta do sujeito que a propõe, deva ser o núcleo de sua tematização (Ramos, 2003, p. 5).

Por fim, Ramos provoca uma questão essencial: até que ponto o documentário pode ser considerado uma representação fiel do real? Ele ressalta que a relação entre as imagens e a realidade é construída por escolhas narrativas, que interpretam e transformam o real em narrativa. Segundo ele, “o discurso documentário seria uma narrativa com imagens, composto por asserções que mantêm uma relação, semelhante a esta, com a realidade que designam” (Ramos, 2003, p. 6). Essa visão enfatiza a necessidade de compreender o documentário não como um retrato objetivo, mas como um discurso que articula e recria a realidade, mantendo um diálogo constante com o compromisso ético de designá-la.

O documentário pode ser compreendido como um gênero cinematográfico que se propõe a representar o mundo real, ainda que essa representação seja sempre mediada por escolhas técnicas e narrativas. Para Rezende (2010), “o documentário é um discurso audiovisual que apresenta uma interpretação da realidade, construído a partir de escolhas do cineasta, tais como o foco da narrativa, o ponto de vista e o modo de representação”.

Além do campo cinematográfico, a obra jornalística também se insere como uma forma de documentário, na medida em que busca retratar eventos, situações ou personagens reais, com a intenção de informar e provocar reflexão. A importância do documentário jornalístico é, portanto, dupla: ele não só documenta a realidade, mas também a interpreta, influenciando o entendimento do público sobre a sociedade, questões políticas e, no caso específico do futebol, as dinâmicas que envolvem a formação de atletas e suas trajetórias no mercado de trabalho.

Essa concepção reforça que o documentário não se trata de uma simples cópia do real, mas de uma construção discursiva que envolve elementos artísticos, ideológicos e técnicos. Assim, o documentário é ao mesmo tempo uma forma de conhecimento e de expressão autoral, posicionando-se como um meio entre o jornalismo e a arte.

Uma das classificações mais influentes sobre os tipos de documentário é proposta por Nichols (2001), que estabelece seis modos de representação, os quais se aplicam também ao contexto brasileiro. A seguir, são descritos os principais:

a) Documentário Expositivo

Caracteriza-se pelo uso de uma narração em voice-over e por uma estrutura argumentativa clara. Este tipo, busca construir uma linha de raciocínio lógica e persuasiva sobre um tema específico. Um exemplo notável no Brasil é o filme *Brasil: Nunca Mais* (1985), dirigido por Dom Paulo Evaristo Arns, que denuncia as transparências dos direitos humanos cometidas durante o regime militar.

b) Documentário Observacional

Neste modo, o cineasta assume uma postura de não intervenção, registrando os acontecimentos tal como se apresenta. Essa proposta está em sintonia com o cinema direto, que influenciou fortemente a produção documental brasileira dos anos 1960 e 1970.

c) Documentário Participativo

Nesse modelo, o realizador participa diretamente da narrativa, interagindo com os sujeitos filmados e com o processo de produção. É o caso do clássico *Cabra Marcado para Morrer* (1984), de Eduardo Coutinho, que combina investigação, memória e participação do diretor no desenvolvimento da narrativa.

d) Documentário Reflexivo

O foco está no próprio processo de realização do documentário, questionando a objetividade da linguagem audiovisual e destacando os limites da representação. O filme passa a ser também sobre o ato de filmar.

e) Documentário Performativo

Neste tipo, a subjetividade do realizador é elemento central. Em vez de buscar a representação objetiva, valoriza-se a experiência pessoal, emocional e sensorial, com forte apelo poético. No Brasil, esse modo tem sido utilizado em produções contemporâneas que abordam temáticas identitárias, de gênero e de memória afetiva.

A característica observacional está presente na postura dos realizadores, que optam por uma abordagem de não intervenção, registrando os relatos e as experiências dos participantes de forma entrevistada, respeitando a especificidade de suas falas e a dinâmica natural dos depoimentos. Esta escolha está alinhada com o objetivo de investigar as trajetórias pessoais dos entrevistados no futebol e compreender, a partir da voz dos próprios assuntos, os desafios e perspectivas do mercado de trabalho na modalidade.

Esse aspecto performativo reforça a dimensão sensível da narrativa, permitindo que o espectador se conecte não apenas com os fatos, mas também com a carga afetiva e simbólica que permite a formação de atletas nas categorias de base e suas inserções no futebol profissional.

Autores como Jean Rouch, referência mundial do cinema etnográfico e do *cinema vérité*, influenciaram diretamente a forma de se fazer documentário no Brasil, especialmente no que diz respeito à valorização do cotidiano e à relação entre documentarista e personagem.

De acordo com Ramos (2003), no Brasil, predomina de maneira dispersa, porém constante, um discurso que sustenta a ausência de especificidade no campo não ficcional. O documentário é visto como um território tradicional, dotado de diretrizes a serem respeitadas. Na maior parte das situações, reconhecemos o que define uma narrativa documental, o estilo de imagens que ela exhibe, e de que maneira, como espectadores, reagimos a essa compreensão. No âmbito social, diversos métodos nos sinalizam o tipo de narrativa ao qual estamos sendo expostos. Além disso, é razoável afirmar que o status de documentário ou ficção que uma narrativa obtém na sociedade geralmente está em sintonia com as intenções dos criadores do filme. O documentário obteria, assim, sua singularidade em relação à ficção ao adotar uma forma específica de representação, composta por enunciados sobre o mundo que se apresentam como asserções.

Um espectador é constituído simultaneamente ao filme, junto a todos os dispositivos técnicos, sociais, culturais, econômicos e publicitários envolvidos em sua produção. Em outras palavras, tanto os elementos que compõem a relação entre espectador e obra fílmica quanto a própria relação entre eles se formam de maneira concomitante. O sujeito, ao tornar-se espectador, desenvolverá um modo de percepção e interação que só pode emergir no momento do encontro com o objeto fílmico (Marco *et al.*, 2008, p. 277).

No contexto do documentário que aborda o mercado de trabalho no futebol, a aproximação com o jornalismo se torna ainda mais evidente. Assim como as reportagens investigativas buscam revelar aspectos ocultos ou pouco discutidos da realidade social, o documentário se propõe a investigar e expor, de maneira crítica e aprofundada, as trajetórias, os desafios e as perspectivas dos atletas que trilham o caminho das categorias de base ao futebol profissional. Conforme Lucena

(2005, p.30), “o documentário é uma ferramenta potente para iluminar zonas de sombra da realidade, conferindo visibilidade a vozes e histórias que muitas vezes permanecem silenciadas”.

Ao optar por um enfoque que priorize relatos pessoais e experiências individuais, o documentário aproxima-se da tradição do jornalismo narrativo, que valoriza o testemunho direto como forma de acesso à verdade subjetiva dos fatos. Para Lucena (2005, p.32), “o testemunho pessoal é uma das formas mais autênticas de revelar a complexidade da experiência humana no audiovisual”. Assim, ao ouvir os atletas, treinadores e profissionais do futebol em suas falas espontâneas, a produção documental não apenas informa, mas também sensibiliza o espectador para as nuances emocionais e sociais que atravessam o universo esportivo.

Ainda segundo Lucena (2005, p.35), o documentário e o jornalismo reúnem a tensão entre o compromisso ético com a realidade e as escolhas narrativas inevitáveis no processo de construção do relato. A autora afirma que “nenhuma representação é neutra; toda escolha de enquadramento, edição e narrativa reflete a visão de mundo do realizador”. Dessa forma, o documentário produz regularmente sua natureza interpretativa, assumindo o desafio de ser fiel às trajetórias dos personagens sem perder de vista a responsabilidade ética que permeia o trabalho documental e jornalístico.

Portanto, a articulação entre documentário e jornalismo no projeto em questão potencializa a capacidade de gerar reflexão crítica sobre as dinâmicas de formação e inserção profissional no futebol. Mais do que apenas registrar histórias, o documentário propõe-se a construir uma memória audiovisual que contribua para a compreensão de realidades complexas, oferecendo ao público elementos para pensar sobre os caminhos e obstáculos enfrentados pelos jovens atletas no Brasil.

4 ESTRUTURA

Pré-produção - Entrevistados:

Caio Viana, 23 anos, ex-jogador de futebol com passagens pelas categorias de base e pelo time profissional. Atualmente, atua em times amadores da região. Ao longo de sua trajetória, adquiriu experiência tanto no desenvolvimento técnico das divisões de base quanto nas exigências do futebol profissional, como Grêmio, Capivariano e Inter de Bebedouro. Com disciplina e dedicação, carrega no currículo a vivência no cenário profissional e aplica esses aprendizados dentro e fora de campo.

Guilherme Bossolan, 21 anos, ex-jogador de futebol com trajetória marcada por passagens por clubes nas categorias de base e também no futebol profissional, incluindo experiências internacionais no México. Sua carreira reflete versatilidade e capacidade de adaptação, atuando em diferentes contextos competitivos e culturais. Com sólida formação nas bases do futebol brasileiro e vivência no exterior, Guilherme carrega aprendizados que ultrapassam as quatro linhas.

Victor Hugo Rocha, 21 anos, treinador de futebol com experiência em categorias de base e em equipes profissionais. Ao longo de sua trajetória, acumulou vivência no desenvolvimento de jovens atletas, atuando não apenas no aprimoramento técnico-tático, mas também no acompanhamento social dos jogadores. Com olhar atento às dificuldades que permeiam a formação esportiva, destacou-se por compreender os desafios que levam muitos atletas a abandonarem a carreira, como a pressão, a falta de suporte familiar e a escassez de estrutura adequada. Seu percurso como treinador reflete dedicação e compromisso com a formação integral do atleta, consolidando-se como um profissional que alia prática, sensibilidade e conhecimento do ambiente competitivo do futebol.

Arthur Mascaro, 21 anos, jogador de futebol profissional com passagens pelas categorias de base de clubes como o Santos e também pelo time profissional do Comercial. Sua trajetória é marcada pela dedicação e pela busca constante de evolução, acumulando experiência em diferentes etapas do futebol, da formação de

base à competitividade do cenário profissional. Arthur carrega em sua carreira a vivência em clubes tradicionais e a disciplina necessária para seguir construindo seu caminho no esporte.

Victor André, 20 anos, jogador de futebol profissional e goleiro do sub-20, com passagens pelas categorias de base da Ferroviária, Ponte Preta e outros clubes. Atualmente, defende um time em Aparecida de Goiânia, onde segue em plena formação e desenvolvimento dentro do esporte. Sua trajetória demonstra disciplina, resiliência e foco, qualidades indispensáveis para a posição de goleiro e para a continuidade de sua carreira no cenário competitivo do futebol brasileiro.

Ricardo Picoli, 36 anos, psicólogo especializado em Psicologia do Esporte. Com experiência na preparação mental de atletas, atua no desenvolvimento de aspectos como concentração, resiliência e gestão emocional dentro e fora de campo. Sua trajetória é marcada pela aplicação da psicologia como ferramenta essencial para o desempenho esportivo e para o equilíbrio pessoal, contribuindo para a formação integral de jogadores em diferentes etapas da carreira.

4.1 Produção

Captação de entrevistas

Perguntas ex-jogadores: Caio Viana e Guilherme Bossolan:

Como e quando surgiu seu interesse pelo futebol?

Qual foi seu primeiro contato com uma categoria de base?

Como foi o processo de entrada no primeiro clube? Você se lembra das expectativas e emoções desse momento?

Houve apoio da família? Como foi para eles lidarem com sua saída de casa tão jovem?

Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas na base, tanto dentro quanto fora de campo?

Como era a rotina de treinos, estudos, alimentação e convivência com outros atletas?

Algum momento marcante (positivo ou negativo) que você viveu na base e que você se lembra até hoje?

Você sentiu que havia uma preparação real para o futuro, caso a carreira no futebol não fosse certa?

Como foi a transição da base para o futebol profissional?

Quais foram os principais clubes pelos quais você passou e como foram essas experiências?

(Para o Guilherme) Como foi viver e jogar no exterior? Quais os principais aprendizados e desafios?

Você chegou a ter empresário ou agente? Como foi essa relação?

Em que momento você percebeu que a sua carreira não seguiria como o esperado?

O que levou você a parar de jogar profissionalmente?

Como você vê o suporte (ou a falta dele) oferecido aos jogadores que ficam sem clube?

Houve impacto emocional ou psicológico nesse período de transição?

O que você acredita que falta nas categorias de base para uma formação mais completa, não só como atletas, mas como pessoas?

Que conselho você daria para quem está começando hoje e sonha em ser jogador profissional?

Você ainda pensa em voltar ao futebol, de alguma forma (como treinador, olheiro, gestor esportivo, etc)?

Como você enxerga o mercado de trabalho no futebol hoje? Ainda é possível viver esse sonho?

Perguntas jogadores profissionais: Arthur Mascaro e Victor

André: Quando você percebeu que poderia se tornar jogador profissional? Como foi sua transição das categorias de base para o profissional? Qual foi o maior desafio que enfrentou no início da carreira?

O que mais mudou na sua vida depois de se tornar profissional?

Como você lida com a concorrência dentro do elenco?

Em algum momento você pensou em desistir da carreira? Por quê?

Como é a sua rotina em uma semana de jogos decisivos?

Como você equilibra a vida pessoal com as exigências da carreira?

Já teve que abrir mão de algo importante por causa do futebol?

Você sente que há muita cobrança sobre os jogadores fora de campo também?

Alguma vez você foi afetado emocionalmente por críticas ou má fase?

Qual título ou conquista mais te marcou na carreira?

Existe algum clube ou seleção que você ainda sonha em defender?

Tem algum jogo que foi especial ou decisivo para a sua trajetória?

Perguntas psicólogo: Ricardo Picoli

Qual é a principal função do psicólogo no ambiente esportivo?

Como a saúde mental impacta diretamente no desempenho de um atleta?

Em que momento um clube ou atleta costuma buscar ajuda psicológica?

Como o psicólogo ajuda atletas a lidarem com a pressão de torcida, mídia e resultados?

O que pode levar um jogador a perder a confiança dentro de campo?

Em sua experiência, o ambiente esportivo tem se tornado mais receptivo ao cuidado com a saúde mental?

Quais são os efeitos psicológicos mais comuns em atletas que sofrem lesões graves?

Como um psicólogo trabalha com atletas em má fase ou com desempenho abaixo do esperado?

É comum atletas desenvolverem ansiedade ou depressão durante a carreira? Como identificar os sinais?

Como o trabalho psicológico se diferencia entre categorias de base e atletas profissionais?

O que você diria a um atleta que sente que não precisa de ajuda psicológica?

Perguntas preparador físico: Victor Hugo Rocha

Como foi o seu início no futebol e o que te levou a se tornar treinador?

Você já sonhou em ser jogador profissional? Como essa experiência influencia seu trabalho hoje?

O que mais te motiva a trabalhar com jovens atletas?

Na sua visão, quais são os principais obstáculos que um jovem encontra para sair da base e chegar ao futebol profissional?

Você acha que as categorias de base realmente preparam os atletas para o mercado de trabalho no futebol?

Quais habilidades ou características mais pesam para um garoto conseguir se

destacar? Técnica, disciplina, rede de contatos, empresário?

Como você enxerga o mercado de trabalho no futebol brasileiro atualmente?

O futebol oferece oportunidades para todos ou apenas para uma minoria?

Qual a sua opinião sobre a influência dos empresários e agentes na carreira dos jogadores de base?

O que você observa em relação à diferença entre clubes grandes e pequenos na formação de atletas e nas chances de profissionalização?

Como o sonho de ser jogador de futebol está relacionado à vida e às expectativas das famílias dos meninos?

Já presenciou situações de famílias que investiram tudo nesse sonho? Como isso termina na maioria dos casos?

Qual é a consequência para os jovens que não conseguem seguir carreira?

Você acha que o futebol no Brasil valoriza de fato a formação de atletas ou apenas os resultados imediatos?

Como o futebol poderia ser um mercado mais justo para os atletas?

Qual é a maior injustiça que você já presenciou no processo de seleção ou ascensão de jogadores?

O que você acredita que o futebol ensina para a vida, mesmo quando não se torna profissão?

Que conselho você daria a um jovem que sonha em ser jogador profissional hoje?

Roteiro do produto:

Tema: Mercado de trabalho no futebol: realidade, perspectivas e influências das categorias de base na formação de atletas profissionais

Abertura:

Imagens: cortes rápidos de jogos.

Áudio: falas marcantes dos jogadores e ex jogadores.

Tela: Nome do documentário aparece.

Blocos Narrativos

1. O Sonho de Ser Jogador

Jogadores falam sobre o início: infância e primeiros contatos com o futebol.

Psicólogo comenta sobre a vida real, as situações da transição entre categorias de

base e futebol profissional e o momento chave para a vida do profissional, comentando sobre preparação e saúde mental.

2. A Rotina dos Clubes

Jogadores e ex-jogadores falam do dia a dia nos clubes: treinos, alimentação, horários, viagens e pressão constante por desempenho.

Mostra-se imagens de cada um deles jogando.

O objetivo é aproximar o espectador da rotina real de quem vive o futebol profissional e de base.

3. Entre Desafios e Dificuldades

A atmosfera torna-se mais melancólica.

Os depoimentos revelam as dificuldades enfrentadas ao longo da carreira: lesões, inseguranças, frustrações, falta de oportunidades e o peso das decisões fora de campo.

O psicólogo comenta sobre as consequências emocionais e psicológicas desses desafios.

4. Conselhos e Sonhos

O clima volta a ser esperançoso.

Os jogadores falam sobre o que aprenderam com o futebol, dão conselhos para quem sonha em seguir esse caminho e abordam suas visões sobre o futuro.

Os depoimentos mostram que, apesar das dificuldades, o amor pelo esporte e o desejo de vencer continuam sendo o combustível principal.

Encerramento:

Imagens finais dos personagens e na tela, aparecem os créditos.

Link do documentário:
<https://drive.google.com/drive/folders/1rrS8Yb0MDVeihOMxhB07WOxetsqDkLdw?usp=sharing>

4.2 Transcrição das entrevistas

Guilherme: botava uma pressão desgramada

Mas eu tinha que conviver sobre isso...

“é o brasileiro...

é de fora tem que fazer gol,
tem que destacar.”

E, é claro, eu entrava com frio
na barriga todo jogo.

Meu interesse surgiu desde criança, né?

Meu tio já me deu uma camisa do Palmeiras,
outra do São Paulo, do Corinthians, do Santos

E assim juntou

Eu acho que as categorias de base
eu sofri muito mais

Sofri muito, muito

Não jogava, não desempenhava

Creio que futebol de base é muita correria,
todo mundo querendo mostrar serviço

sabe... e não desempenhava.

Eu não conseguia.

E quando fui para o profissional,
imaginei a mesma coisa.

Fui chamado para fazer um jogo
no profissional

Foi onde eu vi
que foi tudo diferente, que é mais
o futebol profissional é mais tranquilo,
onde minhas características
se sobressaíram sobre isso.

Victor André: Dos 13 aos 14 eu já fui para
o Rio Grande do Sul, que é em Porto Alegre.
eu lembro
que a primeira semana que eu cheguei

às vezes ligava
chamada para minha mãe e mandava vídeo chorando

Essa foi a maior dificuldade,
sabe?

Porque a gente que
é acostumado, crescido com os pais, tudo

ainda mais que eu tenho amor, muito envolvido
com meus irmãos, com minha família,

mas com o tempo fui me acostumando.

Mas a maior dificuldade
foi isso, sabe?

Alguns times

que eu passei, por passar dificuldades

por não ter wi-fi
e não ter uma alimentação boa.

Mas acho que o principal foi isso
de ficar longe dos pais.

Arthur Mascaro: Eu comecei a jogar bola com seis anos,
comecei bem novo.

Foi uma vontade do meu pai

que ele tentou ser jogador
e não conseguiu realizar esse sonho
E ele passou para mim esse sonho
E acabou que eu comecei a pegar
uma paixão muito grande pelo futebol

E fui me desenvolvendo cada vez mais e
essa paixão virou uma profissão para mim.

Caio Viana: Em 2016, o observador técnico
do Grêmio de Porto Alegre,

estava presente num jogo meu,
onde ele gostou de mim

Foi quando eu fui para lá, em 2016,
na primeira fase avaliações

Logo em seguida voltei para cá
e retornando em janeiro de 2017 para lá,

onde eu participei de mais
outra parte de avaliações

que depois
eu fiquei definitivamente em março.

Ricardo Picoli: A transição, as transições
e o atleta passa por várias transições

Cada vez que ele sobe uma categoria,
ele passa por uma transição

Mas de fato, a gente tem aí
que a transição para o profissional

é um momento bastante chave
na carreira de um atleta.

De forma geral,
as categorias de base tentam preparar
esses atletas para essas situações.
Uns conversam sobre situações
que vão acontecer no futebol profissional,

Há tentativas de fazer essa preparação
por outras formas

Mas existem coisas da realidade
do profissional que não acontecem na base.

E aí, não é porque são adolescentes

ou que são jogadores de futebol
que sentem diferente.

O impacto
que se tem na saúde mental na vida

Caso não tenha uma estrutura

de suporte por trás,

pode de fato vir a acontecer

e essa pessoa fica bastante comprometida
em relação a isso.

Victor Hugo: Além do futebol, a gente
aprende a ter muita disciplina e foco ser
unidos,
então isso além de aprender o futebol,
a gente passa isso também
nas escolinhas, para as crianças,
porque não é só jogar futebol,

a gente tem que ter respeito, ter foco,
disciplina.

Arthur Mascaro: Questão de rotina, deu uma mudada, os treinamentos
Ficaram mais intensos, né?
Acaba que vira a sua profissão

Então você tem que cuidar mais
do seu corpo

Você tem que estar
treinando o tempo todo

Claro, também tem que ter o descanso,
mas... alimentação, treinamento,
tudo envolve, tudo engloba isso.

Até porque

o seu corpo
é a sua ferramenta de trabalho.

É claro que a
cabeça também amadurece muito
Na base
Você tem
uma cabeça, você pensa de um jeito,

you executa os movimentos de um jeito
e no profissional é de outro jeito.

E não somente na questão profissional,
mas questão também pessoal, né?

Sua cabeça muda muito

com relação a compromissos.

A questão também de prioridades.
Muitas, muitas coisas.

Guilherme: No México, para jogar

Eu estranhei um pouco...
Claro, lugares novos
Assim, rodei bastante esses lugares,
mas cada ano foi uma experiência nova.

Mas essa do México foi a principal,
que é onde me transformou

num homem independente.

Eu pude ter minha casa
e eu pude ter meu canto, sabe?

Poder ser um homem independente

Mas com o tempo eu já fui tirando
esse peso das minhas costas e a torcida
foi me abraçando aos pouquinhos.

Victor André: Aqui tem três goleiros profissionais,
eu sou o quarto.

Tô treinando aqui.
Essa transição

É muito diferente porque você pega cara que já tem outros clubes,
já é igual aqui, tem um goleiro de 40 anos
eu tenho 20 anos. Só ele tem mais de
20 anos de carreira.

Da minha idade. Muitas histórias
de pessoas que têm experiência
que passaram por coisas turbulentas
também. É muito diferente,

porque na base é uma coisa, no profissional
é outra, é cobrança

A questão dos treinamentos...
porque na base é mais intensidade.

Só que no profissional

é intenso, só que é rápido.

Entre uma hora e meia

não é igual SUB20, é muito diferente.

Mas é muito bom que você está do lado
de pessoas que tem experiências boas.

Caio Viana: Os treinos a gente treinava sempre um período,
todos os dias.

A gente nunca podia ficar sem estudar,
até porque as federações sempre

exigiam. A convivência com os atletas

É um meio que se consegue arrumar muitos
amigos, muitas pessoas

de outros lugares que até te ajudam
com a saudade da família.

Como eu falei, ali você consegue
uma convivência muito boa.

Os clubes de alto nível, como Grêmio,
clubes da Série A, eles sempre

deixam bem claro para os atletas,
desde a base que o futebol é sim

é um passo
muito importante na vida da pessoa.

Mas ele sempre

tem que ter um plano B, estudar.

Como eu falei,
a gente nunca podia ficar sem estudar.

Ricardo Picoli: O contexto esportivo

Ele é por si só
competitivo, ansiogênico.

Então assim não tem
como a gente tirar isso, porque justamente

é natural
que esse lugar seja assim.
A frustração

Ela geralmente vem

quando principalmente o atleta
está bastante vinculado àquele lugar
ou quando está, principalmente nesse processo
de sair da base para o profissional

e às vezes não tem vaga ou não tem chance
de ir para o profissional daquele time

que ele ficou vinculado, sei lá,
por dois, três, quatro anos ou mais.

Quando a gente trabalha em outros
momentos, questões relacionadas

à carreira, eu acho que isso diminui

um pouco da frustração.

Então muitas vezes está muito relacionado a essa continuidade em outros lugares.

Guilherme: Quando eu fui para o México, minha principal apoiadora foi minha mãe, porque um ano atrás tinha perdido meu pai já pouco tempo atrás, e aí eu não queria mais jogar bola,

não queria mais, que meu maior incentivador era meu pai, aí não queria mais jogar.

Não tinha mais vontade de jogar, não tinha mais alegria, não via mais alegria em jogar futebol.

E quando chegou essa proposta, eu sentei à mesa com a minha família,

conversei bem com eles, eu acabei indo. Cheguei

e meio que eu caí numa emboscada lá, né,

Porque

era um time que acabei indo

não era esse time, o time nem estava sabendo.

E aí eu tive que me acostumar

com a dificuldade.

Tive que morar de aluguel, trabalhar,
juntar

meu dinheiro e buscar
fazer avaliação nos clubes, oportunidades.

Caio Viana: Mesmo com acesso, jogando

boa parte dos jogos
como no começo capitão do time,

tive muita dificuldade
de arrumar outras coisas porque não
tinha ninguém me ajudando
sempre por mim mesmo e
logo em seguida, no começo do ano

de 2025, em janeiro, meu pai
teve um acidente

vascular cerebral
e ficou também muito tempo no hospital.
Foi quando eu perdi tempo e oportunidades
que poderia estar me aparecendo,
que eu estava correndo atrás.

Mas foi quando eu perdi
praticamente o primeiro semestre inteiro.

Esse ano e com a idade
já estou fazendo meus 23 anos.
E aí a gente repensa muitas coisas.

Victor André: Lembro quando comecei a jogar, igual falei, muitas pessoas já me humilharam

foi um treinador que chegou
para mim, chegou, me humilhou, sabe?

E eu lembro que eu chorei na chamada com meus pais

Tudo que aconteceu, e os meus pais
“Não, vamos para cima, não desiste”

eu ia parar mesmo, falei para o meu pai “Não quero mais”

foi passando um tempo, ano passado mesmo que eu também quase parei
tava passando muitas dificuldades

Minha cabeça não estava boa.

Eu vi mesmo que o futebol não é como
as pessoas pensam, né?

Saí de uma Ferroviária que a estrutura era boa

e fui para um time que a estrutura não era tão boa
Sabe?

Eu até dormia no chão

A comida não era boa, sabe?

E muitas outras coisas

Isso me fez quase desistir,
sabe? Esses obstáculos...

Arthur Mascaro: É algo que passa
toda hora na nossa cabeça.

As pessoas tem uma visão de jogador,

como se fosse algo muito bom,
algo prazeroso, claro
Tem suas regalias, tem as suas vantagens,
mas também tem todo...
Tem todo o “sofrimento” entre aspas.

Por trás de tudo isso

de ficar longe da família,
de ficar longe de comemorações,

as vezes que a gente
não consegue passar com os amigos
É algo difícil.
Não é algo fácil, mas

a gente está, como falei no começo,
é uma paixão que move tudo isso,

então acaba que você
releva tudo isso e passa por cima.

Narração: Vem o chute da intermediária
para a defesa do goleiro Victor

Caiu ali no centro do gol,
pra fazer a defesa.

Victor André: Desde pequeno
eu sempre quis ir para um jogo do profissional
e graças a Deus eu fui.
Mas o meu sonho ainda é jogar um
um brasileiro, Série A,

Série B.

Jogar em alto nível

É tipo assim meu maior sonho

através do futebol, dar uma vida boa para os meus familiares.

Narração: Arthur, Arthur, pé esquerdo, olha a batida.

Golaço.

Arthur Mascaro: Acho que o conselho que eu

poderia dar para alguém que está começando
agora

é algo que até tatuei em mim,
que é RESILIÊNCIA, da pessoa

saber lidar com os problemas,
saber lidar com todas as coisas

que tem por fora, tanto do lado de fora,
quanto do lado de dentro da quadra.

Eu acho que saber que as coisas

trabalhando, o certo, fazendo o certo,
eu acho que, aconteceu comigo

e no caminho certo as coisas vão dar
certo.

Narração: Lá vem o Capivariano,
linda bola, para o Luis Felipe, chamou pra finta,
rolou pro meio, olha CAIO.

Que golaço!

Caio Viana: Sempre treine,
sempre mantenha o foco. Não,

não saia do trilho, porque

igual eu falei

São oportunidades e no dia certo,

Quando a oportunidade aparecer pra você
e você estiver preparado,

pode ter certeza que
as coisas irão acontecer.

Victor Hugo: O essencial de tudo é ter a cabeça boa e

ter apoio dos pais, da família,
porque isso é essencial também no futebol,

é ter dedicação, porque sem a dedicação, sem

o foco,
tem que ter muita disciplina.

Porque senão não adianta fazer corpo mole,
porque futebol exige muito do corpo

do atleta, da cabeça do atleta.

Então, tem que estar 100% focado

E querer bastante.

Guilherme: Eu queria ter escutado isso
com meus 14 anos.

Viva!

Viva isso, rapaziada!

Quando vocês forem para o campo

Viva isso!

É o futuro da sua família.

Imagine que você é o responsável em

dar uma casa para a sua mãe,

dar uma vida melhor

para sua família.

E é claro, tem uma frase que meu pai falou

foi bem quando ele já já estava meio ruim,

que hoje eu guardo no meu coração.

Não gosto muito de ficar falando ela,

mas com esse conselho que ele

falou, eu vou

dar um grande conselho para

vocês.

Se não fosse para eu ser

jogador profissional, nem tinha começado.

Então guarde essa frase no coração

de vocês que vocês vão conseguir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu compreender, sob uma visão jornalística e social, as múltiplas dimensões que envolvem o mercado de trabalho no futebol brasileiro e os desafios enfrentados pelos jovens atletas desde as categorias de base. A partir da análise teórica, das entrevistas jornalísticas e da produção do documentário, foi possível observar que o futebol, mais do que um fenômeno esportivo, é um campo de disputas simbólicas, econômicas e midiáticas que refletem o funcionamento da própria sociedade.

O projeto revelou que o sonho de tornar-se jogador profissional é permeado por ilusões e expectativas criadas por um sistema que, muitas vezes, não garante o suporte necessário para o desenvolvimento integral do atleta. Fatores como a falta de estrutura, a ausência de acompanhamento psicológico, a pressão por resultados imediatos e a escassez de oportunidades reais se configuram como barreiras à continuidade da carreira esportiva. Esse cenário evidencia a importância de um olhar jornalístico crítico e ético, capaz de ultrapassar a superficialidade das coberturas esportivas tradicionais e dar visibilidade às histórias humanas que compõem o futebol brasileiro.

Do ponto de vista das práticas jornalísticas, o trabalho permitiu articular conceitos aprendidos ao longo do curso, como a apuração responsável, a entrevista como ferramenta de investigação e o compromisso com a veracidade dos fatos. A escolha do formato documental aproximou o projeto das discussões sobre a produção audiovisual e o jornalismo investigativo, destacando o papel do jornalista como mediador entre o fato e o público. O documentário produzido não apenas informa, mas também sensibiliza e provoca reflexão, reafirmando o potencial do audiovisual como instrumento de denúncia e de transformação social.

A interdisciplinaridade do jornalismo foi essencial na construção do trabalho. As contribuições das teorias da comunicação ajudaram a compreender o futebol como um fenômeno cultural e midiático, capaz de moldar identidades e influenciar comportamentos sociais. Já as discussões em ética e legislação orientaram a abordagem responsável diante dos relatos dos entrevistados, assegurando respeito, empatia e fidelidade às suas experiências. O domínio técnico de gravação, edição e montagem, por sua vez, reafirmou a importância das disciplinas de Técnicas de reportagem e Telejornalismo, que deram suporte à construção narrativa e estética

do documentário.

Durante o processo, ficou evidente que o jornalismo, quando comprometido com a investigação e com a escuta sensível, pode se tornar um agente de transformação. Ao trazer à tona as vozes de ex-jogadores, treinadores, psicólogos e atletas em formação, o trabalho ampliou a compreensão sobre as limitações estruturais e emocionais enfrentadas no futebol, apontando também caminhos possíveis para o aperfeiçoamento das categorias de base e para o fortalecimento das políticas públicas voltadas ao esporte.

Assim, este trabalho de conclusão de curso, cumpre um papel duplo, acadêmico e social, do ponto de vista acadêmico, ele sintetiza o aprendizado adquirido ao longo da graduação em Jornalismo, unindo teoria, técnica e prática em uma produção que reflete o olhar crítico do comunicador. Socialmente, o projeto oferece uma contribuição concreta ao debate sobre a formação de atletas no Brasil, reforçando a necessidade de um jornalismo humano, ético e comprometido com a realidade.

Em suma, o trabalho confirma que o jornalista esportivo deve ir além da cobertura de resultados e estatísticas. É seu dever contextualizar, investigar e revelar as contradições de um universo que, embora movido pela paixão nacional, ainda carece de justiça, transparência e estrutura. O documentário produzido se apresenta, portanto, como um registro audiovisual que dá voz a quem, muitas vezes, é silenciado, os jovens atletas que sonham, lutam e, por vezes, desistem de um sistema que nem sempre os acolhe. Ao unir o rigor da pesquisa jornalística com a sensibilidade da narrativa documental, este projeto reafirma o poder do jornalismo como instrumento de conhecimento, empatia e transformação social.

REFERÊNCIAS

GAVAZZI, Matteo. SPAC – O primeiro Clube de São Paulo. **Estado**, São Paulo, p. 1, 29 jan. 2018. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/arqui-achados/spac-o-primeiroclube-de-sao-paulo/> . Acesso em: 11 dez. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1s1nAwAAQBAJ> . Acesso em: 11 dez. 2025.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Alessandra Garcez. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

MARCO, Giovanna; ANDRADE, Ana Lorena Oliveira de; ESPÍRITO SANTO, Cíntia Sacramento do. Documentário: um outro campo experimental no estudo dos processos de subjetivação. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, p. 275–284, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/76VcWbwDT7QgRWTMmN8K4fj/?lang=pt>. Acesso em: 11 dez. 2025.

PEREIRA, Adriana Bernardes. **A construção do tipo “jogador de futebol” sob o olhar da psicologia social do esporte**. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2015.

PIZZI, Amarildo César de Castro. **Cobertura fotográfica**: final do campeonato municipal de futebol de várzea em Brodowski-SP. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2021. Disponível em: <https://repositorio.baraodemaua.br/handle/123456789/288> . Acesso em: 11 dez. 2025.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: SENAC, 2003.

REZENDE, Stella Maris. **Documentário de cinema**: entre a arte e a realidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Cinema**: trajetória no subdesenvolvimento. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

SANTANA, Juliana de Jesus. **“Deixa a meninada jogar”**: o processo de formação de atletas de futebol em Sergipe projeto experimental de grande reportagem multimídia. São Cristóvão, 2022. Monografia (graduação em Jornalismo) – Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2022. Disponível em:

<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/17615> . Acesso em: 11 dez. 2025.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 125-151, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/6J5JgRzcxPgmjb8XBpVRCH/?lang=pt>. Acesso em: 11 dez. 2025.

ANEXO A - termos de uso de imagem e som

Docusign Envelope ID: 027D12F9-CF41-4A84-A135-E75B91526B97



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Arthur Mascaro, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Título do projeto: TCC - Execução II

Alunos: João Pedro Turati e Lívia Louzada Reginato

Professora: Belisa Brião Figueiró

Objetivos principais: Realizar o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 09 de setembro de 2025.

Assinado por:

 429258 167A9C47C...

Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
 Rua Ramos de Azevedo, 423
 Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
 Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
 Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
 Av. Itatiaia, 1176 - Jd. Sumaré
 Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
 Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
 Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
 Rua Camilo de Mattos, 221
 Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 35 66

www.baraodemaua.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Uilton Hugo D. Paiva, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Programa: Documentário de trabalho de conclusão de curso
Título do projeto: Mercado de trabalho no futebol: realidade, perspectivas e influências das categorias de base na formação de atletas profissionais.
Alunos: João Pedro Turati e Lívia Louzada
Professora: Belisa Brião Figueiró
Objetivos principais: Aplicar os conteúdos na realização de um documentário.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2025.

Uilton Hugo D. Paiva
 Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
 Rua Ramos de Azevedo, 423
 Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
 Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
 Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
 Av. Itatiaia, 1176 - Jd. Sumaré
 Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
 Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
 Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
 Rua Camilo de Mattos, 2211
 Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 35 66

www.baraodemaua.br



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Ricardo Picoli, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Título do projeto: TCC - Execução II

Alunos: João Pedro Turati e Lívia Louzada Reginato

Professora: Belisa Brião Figueiró

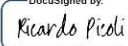
Objetivos principais: Realizar o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 09 de setembro de 2025.

DocuSigned by:

B59C6D8C973D4DD...

Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
Rua Ramos de Azevedo, 423
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
Av. Itatiaia, 1176 - Jd. Sumaré
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
Rua Camilo de Mattos, 2211
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 35 66

www.baraodemaua.br



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Victor André da Silva, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Título do projeto: TCC - Execução II

Alunos: João Pedro Turati e Lívia Louzada Reginato

Professora: Belisa Brião Figueiró

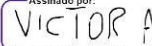
Objetivos principais: Realizar o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 09 de setembro de 2025.

Assinado por:

C0C000009F1224ED...

Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
Rua Ramos de Azevedo, 423
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
Av. Itatiaia, 1176 - Jd. Sumané
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
Rua Camilo de Mattos, 2211
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 35 66

www.baraodemaua.br



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Guilherme Bossolan, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Título do projeto: TCC - Execução II

Alunos: João Pedro Turati e Lívia Louzada Reginato

Professora: Belisa Brião Figueiró

Objetivos principais: Realizar o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 09 de setembro de 2025.

Assinado por:

72075250F39F4F2...

Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
Rua Ramos de Azevedo, 423
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
Av. Itatiaia, 1176 - Jd. Sumaré
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
Rua Camilo de Mattos, 2211
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 35 66

www.baraodemaua.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Caio Lucas Rosseto Viana, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Título do projeto: TCC - Execução II

Alunos: João Pedro Turati e Livia Louzada Reginato

Professora: Belisa Brião Figueiró

Objetivos principais: Realizar o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 09 de setembro de 2025.



Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
Rua Ramos de Azevedo, 423
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITAIAIA
Av. Itatiaia, 1176 - Jd. Sumaré
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
Rua Camilo de Mattos, 2211
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP